

“ Da descrição dos corpos inanimados e das plantas passei à dos animais e particularmente à dos homens. Mas, como não dispunha ainda de conhecimentos comparáveis para falar disso do mesmo modo que do restante, isto é, demonstrando os efeitos e as causas e mostrando de que sementes e de que maneira a natureza deve produzi-los, contentei-me em supor que Deus tenha formado o corpo de um homem totalmente semelhante ao nosso, tanto na figura exterior de seus membros quanto na conformação interior de seus órgãos, sem que o tivesse composto de outra maneira que não aquela que descrevi e sem colocar nele no início uma alma racional, nem nenhuma outra coisa que lhe servisse de alma vegetativa ou sensitiva, senão que despertasse em seu coração um desses fogos sem luz que já expliquei, e não concebia nenhuma outra natureza além daquela que aquece o feno quando o guardam antes de estar seco ou faz ferver os vinhos novos quando os deixamos fermentar junto ao bagaço. Logo, examinando as funções que poderiam em seguida a estas pertencer ao corpo, encontrei exatamente todas aquelas que podem estar em nós sem que as pensemos – pois nossa alma, isto é, essa parte distinta do corpo cuja natureza, como dito anteriormente, consiste apenas em pensar, não contribui para isso – e podemos considerá-las todas iguais. Isso permite dizer que os animais sem razão se assemelham a nós, sem que neles eu possa encontrar funções que, sendo dependentes do pensamento e, portanto, pertencentes apenas a nós enquanto homens, eu as encontrava posteriormente, ao supor que Deus criou uma alma racional e que a uniu a este corpo do modo como descrevi.

## DISCURSO DO MÉTODO

### *A verdade nas ciências*

Nesta parte final da obra, a Parte VI, Descartes começa por dar as razões pelas quais não publicou seu *Tratado do mundo* (publicado apenas postumamente, em 1664), com suas teorias sobre física e sobretudo a notícia da condenação de Galileu (a quem não menciona explicitamente, referindo-se apenas a “certa pessoa”). Discute também o papel da ciência, posicionando-se sobre sua utilidade de maneira próxima à de Bacon.<sup>4</sup> Refere-se ainda à medicina, que considera de grande importância para a compreensão da natureza humana e para a intervenção sobre ela, comentando o que já discutira na Parte V.

“ Mas, assim que adquiri algumas noções gerais sobre física, começando a comprová-las em relação a diferentes dificuldades particulares, e observei até onde poderiam conduzir e o quanto diferem dos princípios que foram empregados até agora, acreditei que não podia mantê-las ocultas sem pecar imensamente contra a lei que nos obriga a procurar, no que está a nosso alcance, o bem geral de todos os homens. Pois elas me fizeram ver que é possível chegar a conhecimentos bastante úteis à vida e que, no lugar dessa filosofia especulativa que se ensina nas escolas, podemos encontrar uma que seja prática e por meio da qual possamos conhecer a força e as ações do fogo, da água, do ar, dos astros e de todos os outros corpos que nos cercam tão distintamente como conhecemos as diferentes habilidades de nossos artesãos e poderíamos assim empregá-los de acordo com os usos que lhes são adequados, tornando-nos mestres e possuidores da natureza.

...

Com efeito, quero que se saiba que o pouco que aprendi até agora não é quase nada em comparação ao que ignoro e que continuo na esperança de poder aprender. Acontece com os que descobrem pouco a pouco a verdade nas ciências quase o mesmo que ocorre com aqueles que, começando a enriquecer, têm menos dificuldade em fazer mais aquisições do que quando eram mais pobres em relação a aquisições menores. Ou ainda podemos compará-los aos chefes militares cujas forças costumam crescer na proporção de suas vitórias e que necessitam de mais habilidade para manter suas forças após a derrota em uma batalha do que para conservar as vilas e províncias que conquistaram. Pois realmente é como lutar uma batalha tentar vencer todas as dificuldades e todos os erros que nos impedem de alcançar o conhecimento da verdade, e admitir alguma opinião falsa é como se perdêssemos uma batalha.

## PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA

### *A metáfora do relógio*

Os *Princípios da filosofia*, inicialmente publicados em latim em 1644 e voltados para a difusão de seu pensamento para um público mais amplo, contêm uma síntese da filosofia de Descartes. Nas Partes II e IV, especialmente dedicadas à sua concepção de ciência, sobretudo ao mecanicismo, Descartes mostra que são necessárias hipóteses que façam a intermediação entre a fundamentação metafísica da ciência em princípios gerais e as explicações dos fenômenos particulares, sem que tenhamos certeza sobre essas hipóteses.<sup>5</sup>

A passagem em que emprega a metáfora do relógio é um bom exemplo disso. Vemos o mostrador, a face externa (equivalente aos fenômenos), mas podemos apenas inferir o mecanismo interno, e não saber quais são exatamente as engrenagens que o fazem

funcionar, uma vez que é possível que seja construído de diferentes maneiras, compatíveis com os fenômenos. O mundo físico seria, assim, como um grande mecanismo cujo funcionamento interno só podemos conjecturar. O relojoeiro é com frequência nessa tradição uma metáfora do Deus Criador. A analogia com o relógio é constante no mecanicismo e pode ser encontrada de Francisco Sanches, no século XVI, a Kant, no século XVIII, passando por John Locke e Gottfried Leibniz, entre outros.

Descartes chama assim atenção para a importância de uma concepção não dogmática de ciência, como notamos em seu alerta ao leitor na conclusão de *Princípios da filosofia*: “Peço aos leitores que não creiam em tudo que encontram escrito aqui, a não ser que a evidência e a força da razão os façam crer.”

DO NOT COPY  
luiza.defranco@sga.pucminas.br